

Perda de US\$ 40 bilhões no período de 1979 a 83

BRASÍLIA AGÊNCIA ESTADO

O Brasil conviveu com sua pior crise econômica neste século, no período do governo Figueiredo entre 1979 e 1983, durante o qual sofreu um prejuízo de mais de US\$ 40 bilhões só com o segundo choque do petróleo e a elevação "injustificada" das taxas de juros internacionais.

Essa afirmação deverá ser feita hoje, em Salvador, pelo ministro Ernane Galvêas, da Fazenda, que fará um relato da economia brasileira nos últimos anos, durante as comemorações do sesquicentenário do Banco Econômico. De qualquer modo, segundo Galvêas, o País está saindo da crise fortalecido em sua infraestrutura básica.

Segundo o ministro da Fazenda, a "história vai mostrar os números negativos como o pano de fundo da economia, quando chegar o momento de avaliar o esforço desenvolvido pelo atual governo, para manter o País em ordem para consolidar a democracia e assegurar a estabilidade política e social, ao mesmo tempo em que realiza o processo de ajustamento do balanço de pagamentos e a construção de meios necessários a preservar a economia brasileira de novos sacrifícios e dificuldades".

Galvêas vai alinhar uma série de "conquistas do governo Figueiredo", e só na segunda parte de sua palestra é que falará da inflação, queda do PIB (Produto Interno Bruto) e do nível de renda do brasileiro. Ainda assim, dirá ser "evidente que a economia brasileira está agora saindo da crise, fortalecida na sua infraestrutura básica".

NEGOCIAÇÕES

O ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, afirmou, ontem, que o Brasil só vai iniciar as negociações da dívida externa com a comunidade financeira internacional depois das negociações do México, que ainda

não estão marcadas. Ele esclareceu que o Brasil não tem pressa, mesmo porque está, hoje, com um acúmulo de reservas de mais de US\$ 4 bilhões. E esperando as negociações do México, espera conseguir condições ainda melhores em termos de prazo e carência.

Galvêas disse que durante as reuniões do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, marcadas para setembro em Washington, certamente as autoridades brasileiras vão manter conversações com os banqueiros credores em torno das próximas negociações. O certo, acrescentou o ministro, é que o País está menos dependente das fontes de recursos externos com o êxito do programa de ajustamento que está promovendo na sua economia.

Ultimamente, Galvêas só vem dando entrevistas por meio de seu porta-voz. A uma indagação enviada por escrito, sobre novas táticas de negociação, respondeu: "O governo ainda não decidiu sobre os entendimentos com a comunidade bancária internacional para 1985. Também não estão concluídas as negociações com o Banco Mundial sobre o programa de co-financiamento que terá a participação de bancos privados. Este tema deverá ser discutido pelo ministro Delfim Netto, em Washington, no final do mês".

Conforme esclarecimentos de um assessor do Ministério da Fazenda, pelo novo esquema o Banco Mundial seria na realidade o gerente de sindicalizações de empréstimos e, mais importante, com uma taxa fixa. Variando a taxa para cima, o próprio Banco Mundial e os bancos forneceriam recursos para cobrir o adicional.

Galvêas também reiterou que a situação externa do País, se não está resolvida, está pelo menos bem encaminhada, argumentando que o déficit em transações correntes declinará para US\$ 5 bilhões este ano e US\$ 4 bilhões no ano que vem.